FIDES REFORMATA XXX, Nº 1 (2025): 113-135

Paradigmas Filosóficos Subjacentes às Principais Perspectivas em Aconselhamento Cristão

*Jônatas Abdias de Macedo**

RESUMO

O presente artigo se propõe a elucidar os principais paradigmas filosóficos subjacentes às perspectivas em Aconselhamento Cristão anteriormente apresentadas em um artigo publicado em 2019. O objetivo do artigo é esclarecer sobre que bases teóricas se fundamentam as variadas formas como cada uma das cinco perspectivas principais se relaciona com a psicologia. Dessa forma, são apresentadas aqui as propostas de Carter, Campbell-Lane e Lotter, Jones, Eck e Entwistle. O intuito do artigo, além de elucidar quais sejam essas propostas, é, também, indicar que, apesar desses esforços, ainda há um "hiato" que carece de investigação com vistas a posteriores incursões na questão dos paradigmas que melhor refletem os princípios da fé cristã reformada no Aconselhamento Cristão.

PALAVRAS-CHAVE

Paradigmas; Fundamentos filosóficos; Aconselhamento cristão; Cristianismo e psicologia.

* Ministro presbiteriano, graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manuel da Conceição (JMC, 2003), mestre em Teologia Pastoral pelo CPAJ (2009) e doutor em Teologia Prática pela North-West University (NWU, 2018), na África do Sul. É pastor titular da Igreja Presbiteriana Metropolitana de São Paulo, professor de Aconselhamento Bíblico, coordenador do curso livre "Escola de Conselheiros Bíblicos", coordenador do Centro de Aconselhamento Bíblico do Seminário JMC e professor do Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Contato: jonatas.macedo@mackenzie.br.

INTRODUÇÃO

As cinco principais perspectivas no Aconselhamento Cristão foram apresentadas anteriormente ao público brasileiro,[1] e essa apresentação inicial foi necessária por conta do valioso e abundante número de publicações nessa área, que pedia por maior clareza quanto às abordagens presentes nessas publicações, muitas vezes conflitantes. Porém, essa identificação reclama por uma avaliação de caráter filosófico importante, visto que cada uma das perspectivas apresentadas anteriormente funciona com base em um paradigma filosófico subjacente com respeito à maneira como deve interagir com o conteúdo e a disciplina da Psicologia. Embora conversem entre si, não são concordes de todo e, o mais importante, viabilizam na prática pressupostos que podem não se alinhar satisfatoriamente com os ditames da fé reformada.

Portanto, com o fim de contribuir para uma maior clareza na interpretação daquilo que subjaz a cada perspectiva e sua decorrente importância, é mister conhecer, avaliar e identificar quais são e como cada um desses paradigmas de caráter filosófico se encaixa com sua respectiva perspectiva. De partida podemos afirmar que cada perspectiva reflete uma maneira de entender o relacionamento entre a fé cristã e as descobertas da Psicologia secular, como se fossem emanações desses paradigmas. Como o motor de um automóvel, assim é o paradigma filosófico subjacente a uma determinada perspectiva, dando a ela seu tônus, motivação e *ethos*. Concluídas essas duas etapas iniciais, em que se observa a profundidade e complexidade existentes na área, alegadas no artigo anteriormente publicado,[2] prossegue o processo que constrói conhecimento útil na área da teologia prática, para o reino e maior manifestação da glória de Deus.

1. A QUESTÃO METODOLÓGICA

No artigo anterior iniciou-se uma busca por contribuir para o desenvolvimento das fundações teóricas do aconselhamento cristão em geral, e, no mesmo ímpeto, o presente artigo não só caminha nessa direção como, no que tange à questão metodológica, continua a usar como estrutura para desenvolver esta pesquisa na área da teologia prática a proposta de Richard Osmer,[3] conforme sua versão resumida por Smith[4]:

---

1 MACEDO, Jônatas Abdias de. Aconselhamento cristão em perspectiva: uma apresentação dos cinco principais pontos de vista. *Fides Reformata*, v. XXIV, n. 1, p. 9–22, 2019.

2 Ibid., p. 10.

3 OSMER, Richard R. *Practical Theology: An Introduction*. Grand Rapids, MI: Eerdmans [Kindle ed.] Disponível em: http://www.amazon.com, 2008, p.4 Reiteramos que, apesar dos pressupostos teologicamente liberais de Osmer, a estrutura criteriosamente aproveitada oferece benefícios importantes, conforme Smith apontou em: SMITH, Kevin G. Review of Richard Osmer, Practical Theology: An Introduction. *The Journal of the South African Theological Seminary*, Vol. 10, no. 2010. p. 111.

4 Ibid., p. 101.

Tarefa	Descritiva	***Interpretativa***	Normativa	Estratégica
Questão	O que está acontecendo?	***Por que está acontecendo?***	O que deveria estar acontecendo?	Como devemos responder?
Função	Ouvido Sacerdotal	***Sabedoria judiciosa***	Discernimento profético	Liderança servidora

Desta feita, porém, tal como destacado no quadro, pretende-se responder à *segunda* das quatros perguntas: "Por que está acontecendo?". Ela corresponde à tarefa interpretativa, equivalente à atividade da pesquisa pastoral que exercita, nas palavras de Osmer, a "sabedoria judiciosa". No exercício dessa sabedoria a tarefa interpretativa faz uso de critérios, que se estabelecem com o auxílio de teorias de outras ciências, com o objetivo de encontrar a melhor maneira de entender, explicar e determinar o porquê das dinâmicas estudadas existirem ou ocorrerem, tais como foram percebidas na investigação anterior. No processo, se identifica e avalia o modelo da teoria bem como o edifício conceitual sobre o qual está construída. Em resumo, identifica-se o pressuposto filosófico da teoria e se acessa o argumento central dessa teoria.[5] Portanto, a proposta de Osmer, se aplicada levando-se em considerações as ressalvas feitas por Smith, cabe bem à intenção do presente artigo.

Desta forma, espera-se que a presente apresentação e consequente parametrização dos paradigmas filosóficos subjacentes às perspectivas no Aconselhamento Cristão apresente material suficiente para avaliações posteriores dos principais pontos fortes e fracos dessas mesmas perspectivas e/ou possibilite a apresentação de novas perspectivas. Ao mesmo tempo procurará estimular incursões posteriores no tema com vistas ao desenvolvimento de paradigmas que reflitam, com crescente acuidade e fidelidade, os princípios da fé cristã reformada no Aconselhamento Cristão.

2. PARADIGMAS FILOSÓFICOS SUBJACENTES

Procederemos à apresentação de cada um dos paradigmas subjacentes que subsidiam filosoficamente as cinco perspectivas apresentadas anteriormente. Reconhecemos que nem sempre uma determinada perspectiva ou abordagem prática busque intencional e propositalmente refletir esses paradigmas teóricos. Entretanto, avaliadas as intenções e resultados oriundos de cada proposta, será possível constatar que elas acabam por fazê-lo, e com uma impressionante precisão. Para tanto, é fundamental que seja possível identificar aspectos-chave que as relacionam a uma ou outra maneira determinada de lidar com

5 OSMER, Richard R. *Practical theology: an introduction*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, Ebook Kindle, 2008, p. 114.

a psicologia secular, revelando, assim, o paradigma subjacente que guia, na prática, a abordagem que uma determinada perspectiva oferece.

O que se segue, portanto, é um resumo das mais representativas formas de estabelecer esses paradigmas, numa tentativa de determinar a maneira que melhor descreva o relacionamento do cristianismo, e mais especificamente do Aconselhamento Cristão com a disciplina da psicologia, fornecendo, assim, um panorama mais rico e completo desse campo, como atualmente se configura. Essa visão geral, ainda que resumidamente, nos dará uma ideia de como, ao longo do tempo e das investigações acadêmicas, esse assunto vem sendo estudado.

3. A PROPOSTA DE JOHN CARTER

O trabalho mais influente no desenvolvimento e rastreio de paradigmas subjacentes que governam o relacionamento entre cristianismo e psicologia foi apresentado por John Carter.[6] O trabalho feito por Carter teve como base o livro de H. Richard Niebuhr, *Cristo e a Cultura*,[7] posteriormente reimpresso,[8] e mais recentemente revisitado por Carson.[9] Este é sem dúvida um trabalho relevante e largamente reconhecido, mas que, contudo, não foi o primeiro a buscar distinguir os princípios subjacentes ao relacionamento entre o Cristianismo e a ciência ou cultura. De acordo com Van der Walt, Niebuhr já estava seguindo a H. Bavinck, que teria sido o primeiro a procurar estabelecer os princípios teóricos governantes nesse relacionamento.[10] Além disso, Van der Walt lembra as importantes contribuições feitas por outros como J. H. Olthuis e A. M. Wolters. Todavia, avaliar essas contribuições está além do escopo deste artigo, podendo ser alvo de futuras pesquisas.

Niebuhr propôs em seu livro quatro formas básicas através das quais os cristãos se relacionam com a cultura, colocadas da seguinte forma: Cristo contra a cultura, Cristo da cultura, Cristo acima da cultura e Cristo e cultura em paradoxo.[11] No primeiro caso, em que Cristo está *contra a cultura*, se

---

6 ENTWISTLE, David N. *Integrative Approaches to Psychology and Christianity: an introduction to worldview issues, philosophical foundations, and models of integration*. Rev. ed. Eugene, OR: Cascade [Kindle ed.], 2015, p. loc. 4396-4400.

7 NIEBUHR, Helmut Richard. *Christ and Culture*. New York, NY: Harper & Row, 1956.

8 NIEBUHR, H. Richard. *Christ and Culture*, New York, NY: Harper & Row, 2001.

9 CARSON, Donald A. *Christ and Culture Revisited*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008.

10 VAN DER WALT, B. J. *Transformed by the Renewing of Your Mind: shaping a Biblical worldview and a Christian perspective on scholarship*. Potchefstroom, NW: The Institute for Contemporary Christianity in Africa, 2001, p. 24.

11 Como Carson esclarece, "Niebuhr não está falando tanto da relação entre Cristo e a cultura, mas sim de duas fontes de autoridade enquanto competem entre si dentro da cultura, a saber, Cristo (qualquer que seja a maneira como é entendido nos vários paradigmas das principais correntes da cristandade) e todas as demais fontes de autoridade despojadas de Cristo (embora Niebuhr esteja basicamente pensando em autoridade secular ou civil e não na autoridade reivindicada por religiões rivais)". Cf. CARSON, D. A. *Cristo & cultura: uma releitura*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 22.

estabelecem relações de rivalidade quando se entende que estejam em posição de autoridade tanto Cristo quanto a cultura. De acordo com este paradigma, para o cristão o desempate deve ser imediato e inequívoco. Ele "sem qualquer concessão, declara a autoridade única de Cristo sobre o cristão e rejeita resolutamente a reivindicação de lealdade feita pela cultura".[12] Quanto ao *Cristo da cultura*, Niebuhr chega a falar do "protestantismo de cultura". A expressão procura denotar a perspectiva que vê a Cristo não como o Senhor da vida, mas um objeto de adoração religiosa que confirma movimentos filosóficos que afirmem a unidade e ordem do mundo, bem como valores universais, expressos em várias culturas, como se Cristo fosse um reformador social ou um herói cultural que desperte admiração nas mais diversas culturas.[13] Já o *Cristo acima da cultura* foi a posição majoritária na história da igreja, entendia Niebuhr.[14] Este paradigma sintetiza a ideia de que a cultura é uma expressão da graça de Deus, mas que Cristo, como Deus que é, está acima dela: "Cristo é soberano sobre a cultura assim como é sobre a igreja".[15] Essa é uma posição bastante palatável para o católico romano, representada pela abordagem de Tomás de Aquino, o qual "entendeu que Cristo está bem acima da cultura e nunca tentou 'disfarçar o abismo existente entre eles'", de modo que o feito sintético tomista representa filosófica e teologicamente uma unificação social de Cristo e cultura, na medida em que combina filosofia e teologia, estado e igreja, virtudes civis e cristãs, leis naturais e divinas, Cristo e cultura, explica Niebuhr.[16] Por fim, o *Cristo e cultura em paradoxo* milita no espectro oposto ao da proposta sintética anterior, sendo dualista. Carson resume:

> Por esse motivo, o dualista se une ao cristão radical ao pronunciar que a cultura humana do mundo inteiro está sem Deus e mortalmente enferma. Mas existe uma diferença entre os dois: o dualista sabe que pertence àquela cultura e que é incapaz de sair dela, que Deus na verdade o sustenta nela e por meio dela; pois, se Deus em sua graça não sustentasse o mundo em seu pecado, o mundo não existiria por um só momento. E, assim, o dualista não consegue falar de outra maneira que não soe paradoxal. Esses paradoxos afetam a compreensão de lei e graça, ira divina e misericórdia divina, e o dualista não consegue avaliar a cultura sem pensar nessas contínuas realidade paradoxais.[17]

Cada uma das categorias propostas por Niebuhr deu à luz às principais estruturas ou paradigmas propostos por Carter quanto ao relacionamento do

---

12 Ibid., p. 23.

13 Ibid., p. 26–27.

14 Ibid., p. 28.

15 Ibid., p. 29.

16 Ibid., p. 29–30.

17 Ibid., p. 31.

Cristianismo com a Psicologia. Carter propôs, portanto, quatro formas (ou modelos paradigmáticos) de lidar com esse relacionamento, divididos em duas versões básicas, que ele chamou de *religiosa* ou sagrada, em contraste com seu equivalente *secular*. Uma vez que estamos analisando os paradigmas do aconselhamento cristão, deixaremos de fora de nossa análise as propostas que Carter chamou de "secular" visto que sua abordagem procura analisar a questão da perspectiva da psicologia.[18]

Os modelos sagrados são: Cristianismo contra Psicologia, Cristianismo da Psicologia, Cristianismo paralelo à Psicologia e Cristianismo integrado à Psicologia.[19]

A abordagem do modelo *Cristianismo contra Psicologia* "afirma que há uma diferença radical entre aquilo que a Bíblia diz e aquilo que a Psicologia diz sobre o homem".[20] Segundo Carter, os defensores desse modelo são fortemente comprometidos com um pressuposicionalismo que afirma não ser possível que psicólogos incréus descubram alguma verdade significativa sobre a natureza do homem. Para Carter, há uma ênfase exagerada no aspecto redentivo da Bíblia, que separa hermeticamente o cristão do incrédulo. Por fim, ele ainda pontua que neste modelo qualquer problema emocional é visto como uma quebra ativa da lei de Deus conforme revelada na Escritura, de modo que, como resume, aqueles que assim entendem concluem que "todo problema emocional é, na verdade, um problema espiritual".[21]

Já o modelo que diz que o Cristianismo é *da Psicologia* vai na contramão do anterior, afirmando que, apesar da diferença entre a Bíblia e os fatos da ciência, experiência e razão, estes últimos devem receber maior consideração. Carter diz que aqueles que se comprometem com esse paradigma tendem ao naturalismo, misticismo ou humanismo em detrimento de qualquer elemento de caráter sobrenatural.[22] Ele

18 CARTER, John D. Secular and Sacred Models of Psychology and Religion. *Journal of Psychology and Theology*, v. 5, n. 3: 197–208, 1977, p. 198–200.

19 Ibid., p. 197–208; CARTER, John D.; NARRAMORE, Bruce. *The Integration of Psychology and Theology: an introduction*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1979, p. 50, 71–116. Seus equivalentes seculares são: Psicologia *contra* a Religião, Psicologia *da* Religião, Psicologia *paralela* à Religião e Psicologia *integrada* à religião.

20 CARTER, Secular and Sacred Models of Psychology and Religion, p. 200.

21 Ibid., p. 200–201.

22 Ibid., p. 201.

diz, ainda, que há uma característica distintiva aqui, qual seja, a de traduzir ou interpretar passagens bíblicas em estreito alinhamento com a escola de psicologia do pesquisador.[23] Por essas e outras razões Carter conclui que esse modelo tem sido a escolha do *liberalismo*, ainda que evangélicos que não sustentem todas as premissas do liberalismo estejam enveredando por esse caminho.[24]

Entre esses dois extremos há, segundo Carter, os demais paradigmas, como aquele que diz que o Cristianismo é *paralelo à Psicologia*. Neste modelo paradigmático, "se enfatiza a importância de ambos, Escritura e Psicologia, mas se assume que tanto explícita como implicitamente, eles não interagem".[25] Esse modelo se apresenta em suas relações de isolamento e correlação. Como o nome antecipa, a versão isolacionista veda qualquer troca de informação entre a Escritura e a Psicologia, enquanto a correlação busca identificar o equivalente bíblico do que for apontado na Psicologia.[26]

Por fim, o quarto modelo é o do *Cristianismo integrando* à *Psicologia*. Nele se "assume que Deus seja o autor de toda verdade, quer seja Sua verdade revelada na Escritura, quer seja descoberta pela psicologia ou qualquer outra disciplina científica".[27] Aqueles que esposam esse modelo não creem que qualquer elemento que se diga verdadeiro na Psicologia o é a menos que quando comparado com a Escritura assim se prove. O que é fundamental, conforme Carter, é entender que nesse modelo a Escritura e a Psicologia são entendidas como aliadas. Em resumo: "Deus criou a psicologia quando ele criou o homem à Sua imagem. O homem se tornou manchado, mas é redimível, e, portanto, a psicologia é congruente e integrável com o Cristianismo".[28]

Como era de se esperar, a proposta de Carter não foi a única que procurou elencar e discernir os paradigmas subjacentes ao relacionamento entre o Cristianismo e a Psicologia. Outras propostas se seguiram, quer procurando expandir esses paradigmas, quer resumindo-os. Antes de prosseguirmos, porém, é importante reiterar que o leitor notará em alguns momentos sobreposições em um ou outro caso. À medida que se identificam os fundamentos, notar-se-á variações dos mesmos temas principais. Justamente por conta dessa escassez de variação da temática principal é que se explicam, de certa forma, as sobreposições. Neste ponto reconhecemos que não há uma única forma de organizar o material avaliado, e a variedade na organização faz com que pontos de vista diferentes conectem uma perspectiva específica a um ou outro paradigma.

---

23 Ibid.

24 Ibid.

25 Ibid., p. 202.

26 Ibid.

27 Ibid.

28 Ibid.

Essa é uma outra possível razão para que nomes, definições e abordagens geralmente ligados à um paradigma possam figurar em uma perspectiva que reflete outro paradigma.[29]

4. A PROPOSTA DE CAMPBELL-LANE E LOTTER

Desde 1977, com a publicação da proposta de Carter, houve um hiato em publicações que buscassem explorar os aspectos filosóficos subjacentes ao relacionamento entre o Cristianismo e a Psicologia até que Campbell-Lane e Lotter trouxessem uma nova proposta em seu artigo de 2005. Eles ofereceram, não quatro, mas seis paradigmas para classificar as perspectivas ou abordagens no Aconselhamento. Em termos bem resumidos, seus paradigmas eram os seguintes:[30]

4.1 Posição Assimilativa

De acordo com Campbell-Lane e Lotter, o começo do século 20 viu um crescimento exponencial no número de conselheiros pastorais que encontraram na psicologia ajuda relevante para seu trabalho pastoral. Segundo eles, academicamente falando, a psicologia, influenciada por William James, se viu crescentemente marcada pelo interesse no Cristianismo, até que deu à luz à disciplina da psicologia da religião. Dessa forma, o Cristianismo poderia (e deveria) dar as boas-vindas à Psicologia, assimilando-a, a exemplo do que fez Seward Hiltner, que se tornou um importante expoente desta forma de ver o relacionamento entre o Cristianismo e a Psicologia.[31]

4.2 Posição Ecléctica

Como o próprio nome já diz, aqui o Cristianismo empresta *insights* da Psicologia, resultando desse relacionamento um interessante e benéfico *pot--pourri.* Isto deve ser feito ao se emprestar conhecimento de diferentes fontes, com o objetivo de ofertar uma abordagem relevante ao encontrar os aconselhados em suas necessidades. Campbell-Lane e Lotter destacam que esta é a visão de Howard Clinebell.[32]

---

29 MCMINN, Mark R. et al. Just what is Christian counseling anyway? *Professional Psychology: Research and Practice*, v. 41, n. 5: 391–397, 2010, p. 393–394; COE, John H.; HALL, Todd W. *Psychology in the spirit: contours of a transformational psychology*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2010, p. 59.

30 CAMPBELL-LANE, Yvonne; LOTTER, George A. Biblical counselling regarding inner change. *Koers*, v. 70, n. 1: 99–123, 2005, p. 103.

31 Para mais, ver: HIELEMA, Jacob S. *Pastoral or Christian Counseling: A confrontation with American pastoral theology in particular Seward Hiltner and Jay E. Adams*. Leeuwarden, HL: De Tille, 1975.

32 Para saber mais sobre o livro de Clinebell em português, há uma interessante resenha publicada por Fides Reformada. Cf. ROCHA, Antônio. Aconselhamento pastoral (Howard Clinebell). *Fides*

4.3 Posição Excludente

Para Campbell-Lane e Lotter os conselheiros cristãos que têm adotado essa posição entendem que o Cristianismo deve rejeitar a Psicologia, e, por conseguinte, rejeitar qualquer alegado valor do *insight* psicológico. Segundo eles, uma amostra desse paradigma pode ser encontrada no trabalho de Jay E. Adams e seu Aconselhamento Noutético.[33]

4.4 Posição Perspectivalista

Segundo esta posição, a Teologia (Cristianismo) e a Psicologia são suas disciplinas válidas e complementares. Por definição não podem ser antagônicas por serem, essencialmente falando, perspectivas complementares a respeito da natureza humana. Enquanto ambas as disciplinas são respeitadas, qualquer sobreposição entre elas é rejeitada.

4.5 Posição Integracional

A diferença entre esta e a proposta anterior é uma sutileza: aqui há uma tentativa de fazer cooperarem juntas a Psicologia e a Teologia, até que formem uma metodologia cristã específica, capaz de abarcar as duas harmoniosamente. Campbell-Lane e Lotter esclarecem que este paradigma, ao partir do princípio de "toda verdade (moral, proposicional ou ontológica) como verdade de Deus", permite ao pesquisador sonhar com uma metodologia cristã específica capaz de unir, debaixo dela, tanto o Cristianismo quanto a Psicologia.

4.6 Posição Integracionista

O objetivo desse paradigma é pavimentar um caminho que permita aproveitar, criteriosamente, o conhecimento de diferentes disciplinas, a fim de ver esse conhecimento contribuindo para a eficácia do processo de aconselhamento. Dessa forma, a Psicologia é vista como uma contribuição ao Cristianismo. Campbell-Lane e Lotter destacam alguns expoentes dessa posição, dentre os quais dois nomes são mais conhecidos do público brasileiro – Gary Collins[34]

Reformata, v. VI, n. 1, 2001.

33 Os princípios formais da abordagem de Adams, conhecida como Aconselhamento Noutético, podem ser encontrados em seu livro: ADAMS, Jay Edwards. *Conselheiro capaz*. 8. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1999.

34 COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

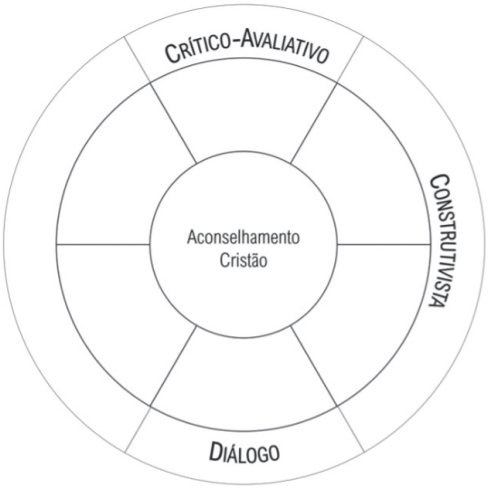
e Bruce Narramore[35] –, enquanto McMinn, ainda que desconhecido do grande público, já conta com livro publicado em português.[36]

5. A PROPOSTA DE STANTON JONES

Stanton Jones, em 2006, propôs uma lista mais concisa de paradigmas. Partindo da premissa de que seus artigos anteriores buscaram pavimentar o caminho, quer defendendo, quer descrevendo a integração, chegara a hora de *fazer* integração. Para que a empreitada se desse de modo produtivo e respeitoso, e assim, contribuísse positivamente para o tema, era preciso manter-se nos trilhos previamente estabelecidos em 1994, resumidos como segue nos três paradigmas que propôs:[37]

(1) O **modo crítico-avaliativo**, segundo o qual os pressupostos teológicos do pesquisador fornecem um filtro a partir da qual se pode examinar e avaliar adequadamente as crenças subjacentes que moldam teorias e práticas das teorias das ciências sociais e psicológicas;[38]

(2) O **modo construtivo**, que ocorre quando o entendimento da condição humana religiosamente fundamentada contribui positivamente para o progresso da ciência ao sugerir novos modos de pensar que transformem as abordagens para o entendimento da humanidade, psicologicamente falando, de forma a moldar novas percepções dos dados e, por consequência, novas teorias;[39]



(3) Por fim, há o **modo dialógico**, que pressupõe uma mútua influência entre religião e Psicologia. Para tanto, o relacionamento entre a ciência e a religião deveria ser dialógico e não unilateral. Novas descobertas na cosmologia, sociobiologia, filosofia, antropologia, sociologia e mesmo psicologia deveriam infundir e afetar o empreendimento religioso.

35 NARRAMORE, Bruce. *Socorro, temos filhos!* São Paulo: Mundo Cristão, 1970.

36 MCMINN, Mark. *A ciência da virtude: Por que a psicologia positiva é importante para a igreja*. São Paulo: Pilgrim, 2023.

37 JONES, Stanton L. Integration: defending it, describing it, doing it. *Journal of Psychology & Theology*, v. 34, n. 3: 252–259, 2006, p. 255. A proposta, resumida neste artigo, foi originalmente apresentada em: JONES, Stanton L. A Constructive Relationship for Religion with the Science and Profession of Psychology: perhaps the boldest model yet. *American Psychologist*, v. 49, n. 3: 184–199, 1994.

38 JONES, A Constructive Relationship, p. 194.

39 Ibid.

6. A PROPOSTA DE BRIAN ECK

Brian Eck apresentou em 1996 um estudo surpreendente, pois revelou haver, já à época, cerca de vinte e sete diferentes modelos de interação entre Psicologia e Cristianismo.[40] Não obstante entendeu que algumas áreas ainda careciam de concordância para edificar a integração entre Psicologia e Cristianismo. Buscando, então, encontrar um solo seguro sobre o qual construir seu projeto integrativo, apresentou basicamente três paradigmas sob os quais classificar o relacionamento do Cristianismo com a Psicologia, que são: o Paradigma Não Integrativo, o Paradigma Manipulativo e o Paradigma Não-Manipulativo.[41] Nesse esquema, cada paradigma possui um método ou processo específico segundo o qual lida com os dados da Psicologia. Esses métodos definem a relação maior como segue:

(1) O **Paradigma Não-Integrativo** procura evitar integrar quaisquer dados dos dois lados. Quando muito, busca construir seu edifício teórico a partir do que entende ser a verdade de Deus manifesta em uma única disciplina. Para tanto, se vale do que Eck chamou de processo de *rejeição*;

(2) O **Paradigma Manipulativo** é assim definido por procurar integrar os dados de ambas as disciplinas. Entretanto, uma governará sobre a outra, determinando o que é ou não é aceitável. Aqui dois processos serão usados: *reconstrução* e *transformação*;

(3) O **Paradigma Não-Manipulativo**, por fim, pode ser definido como aquele que aceita contribuições de ambos os lados diretamente, mas não os modifica. Entende que as verdades de Deus devem ser aproveitas tais como se apresentam, ou não são verdades de forma alguma. Os processos que este paradigma usa são os de *correlação* e *unificação*.

40 ECK, Brian E. Integrating the Integrators: an organizing framework for a multifaceted process of integration. *Journal of Psychology and Christianity*, v. 15, n. 2, p. 101–115, 1996.

41 ECK, Brian E. Integrating the Integrators: an organizing framework for a multifaceted process of integration. In: STEVENSON, D. H.; ECK, B. E.; HILL, P. C. (Orgs.). *Psychology & Christianity Integration: seminal works that shaped the movement*. Batavia, IL: Christian Association for Psychological Studies, 2007, p. 230–231.

7. A PROPOSTA DE DAVID ENTWISTLE

Essa proposta não é somente a mais moderna, mas é, também, a mais interessante. Ela é encontrada no livro *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, já em terceira edição, no qual o autor apresenta o relacionamento entre o Cristianismo e a Psicologia com base na maneira como as nações interagem entre si.[42] As razões para que essa proposta ocupe protagonismo se deve ao fato de que esta seja, talvez, a mais perceptiva descrição do relacionamento conflitoso entre as disciplinas. A pertinência dessa metáfora está no fato de que ela, além de usada na Bíblia,[43] também descreve as sutilezas desse relacionamento como ele é percebido, destacando suas nuances sutis. De igual modo, a metáfora da autoridade jurisdicional, que é a base de sua descrição, aparentemente é abraçada por outros importantes pensadores na área como uma forma aceitável de descrever esse relacionamento de uma forma ou de outra.[44]

Entwistle apresenta seis paradigmas, expostos a seguir, obedecendo a uma escala que classifica uma determinada nação como uma *aliada* numa extremidade, até o outro extremo, no qual outra nação pode ser considerada uma *inimiga*. Entre os extremos outros paradigmas intermediários são encontrados.

---

42 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc.4401-4405.

43 Por exemplo, em Colossenses 1:13 e 1Pedro 2.9.

44 ADAMS, Jay Edward. *The Big Umbrella: and other essays on Christian counseling*. Grand Rapids, MI: Baker, 1972, p. 8; HEDMAN, Erik et al. Psychometric properties of Internet-administered measures of health anxiety: An investigation of the Health Anxiety Inventory, the Illness Attitude Scales, and the Whiteley Index. *Journal of Anxiety Disorders*, v. 31, p. 32–37, 4, p. 229–233; VANDER GOOT, Mary. The shingle and the manse: should pastors be counselors? *Reformed Journal*, v. 33, n. 9, p. 15–18, 1983, p. 15–18; CLINTON, Stephen M. A critique of integration models. *Journal of Psychology and Theology*, v. 18, n. 1, p. 13–20, 1990, p. 17; MACARTHUR, John. *Our Sufficiency in Christ* Dallas, TX: Word, 1991, p. 30; WELCH, Edward T. A discussion among clergy: pastoral counseling talks with secular psychology. *The Journal of Biblical Counseling*, v. 13, n. 2, p. 23–34, 1995, p. 23–34; POWLISON, David. Integração ou inundação. In: HORTON, Michel S. (Org.). *Religião de poder*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p. 160; ALMY, Gary L. *How Christian is Christian Counseling*. Wheaton, IL: Crossway, 2000, p. 9, 21, 197–204; SMITH, Winston. Dichotomy or Trichotomy? How the doctrine of man shapes the treatment of depression. *Journal of Biblical Counseling*, v. 18, n. 3, p. 21–29, 2000, p. 21; POWLISON, David. Biblical counseling in recent times. In: MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. (Orgs.). *Counseling: How to Counsel Biblically*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005, p. 6,7; POWLISON, David. The sufficiency of Scripture to diagnose and cure souls. *The Journal of Biblical Counseling*, v. 23, n. 2, p. 2–14, 2005, p. 20–24; STREET, John. Why biblical counseling and not psychology? In: MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. (Orgs.). *Counseling: How to Counsel Biblically*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005, p. 31,32,37,44; SLOAN, Richard P. *Blind Faith: the unholy alliance of religion and medicine*. New York: St. Martin's Press, 2006, p. 4, 11; JOHNSON, Eric L. A Brief History of Christians in Psychology. In: JOHNSON, Eric L (Org.). *Psychology & Christianity: five views*. 2nd. ed. Downers Grove, IL: IVP Academic [Kindle ed.]. Disponível em: http://www.amazon.com, 2010, p. 13,16,19; LERON SHULTS, F. Dis-integrating Psychology and Theology. *Journal of Psychology & Theology*, v. 40, n. 1, p. 21–25, 2012, p. 22; GREGGO, Stephen P (Org.). *Counseling and Christianity: five approaches*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2012, p. loc. 43; LAMBERT, Heath. *A Theology of Biblical Counseling*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2016, p. 54.

Eles são Espiões, Colonialistas, Reconstrutores e Partidos-Neutros. Entwistle, tal como Carter, dividirá seus paradigmas em duas versões, uma sagrada e outra secular. Entretanto, para os propósitos a que se presta este artigo, será considerada apenas a "versão sagrada" ou a expressão genuinamente religiosa dos paradigmas, conforme segue.

7.1 Espiões

Eles recebem este nome por conta da atitude seletiva em relação àquilo que será utilizado por uma ou outra disciplina, como, por exemplo, fazer uso proveitoso de um sistema religioso para fins psicológicos sem, contudo, ter para com esse sistema nenhum tipo de compromisso.[45] Esse modelo reflete os paradigmas Manipulativo e Reconstrutor de Eck, por exemplo.[46] Para Entwistle há duas versões para esse paradigma: Os *Espiões Estrangeiros,* que perfazem a versão secular e representam aqueles psicólogos que não se comprometem com qualquer princípio religioso, e os *Espiões Domésticos*, que, por sua vez, participam de um sistema religioso.[47] O interesse do espião repousa unicamente sobre potenciais benefícios psicológicos extraíveis do Cristianismo, enquanto desprezam qualquer elemento de natureza sobrenatural presente nele. Embora tenha havido um inegável diálogo entre Cristianismo e Psicologia ao longo dos anos,[48] as iniciativas nessa direção têm vindo, em sua maioria, de pesquisadores de orientação teológica liberal.[49] Segundo Entwistle, Norman Vincent Peale é um exemplo desse paradigma.[50] De fato, entre as perspectivas consideradas no Aconselhamento Cristão do ponto de vista da teologia reformada, não foi encontrada nenhuma que se conecte diretamente com esse paradigma.[51]

7.2 Inimigos

Este é um modelo antagonista de relacionamento entre Cristianismo e Psicologia. Na versão "secular" se refere aos psicólogos que veem o Cristianismo

---

45 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc 5837.

46 Ibid., p. loc 5837, 5939.

47 Ibid., p. 5817.

48 DENTON, Rudy A. Exploring biblical reformational theology as a normative perspective for Christian psychology. *In die Skriflig*, v. 48, n. 1: 1–11, 2014, p. 2.

49 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc 5827.

50 POWLISON, Biblical Counseling in Recent Times, p. 19; JOHNSON, A Brief History of Christians in Psychology, p. 26–29; POWLISON, David. *The Biblical Counseling Movement: history and context*. Greensboro, NC: New Growth Press, 2010, p. 24; COLETTO, Renato, Kuyper's razor? Rethinking science and religion, trinitarian scholarship and God's eternity. *In die Skriflig*, v. 49, n. 1: 1–10, 2015, p. 3.

51 Isto porque, é bom lembrar, a investigação pretendia tratar daquelas perspectivas que se definem como herdeiras da tradição teológica reformada. Cf. MACEDO, Aconselhamento cristão em perspectiva: uma apresentação dos cinco principais pontos de vista, p. 11.

ou qualquer pressuposto religioso como prejudicial ou danoso em algum sentido. A versão "religiosa" do paradigma dos Inimigos, argumenta Entwistle, é a resposta cristã contra a animosidade recebida dos ataques antirreligiosos.[52] Basicamente, aqueles que subscrevem o paradigma dos Inimigos assumem que a Psicologia e o Cristianismo são fundamentalmente incompatíveis um com o outro.[53] Seus subscritores também entendem que o cuidado da alma pertence exclusivamente ao ministério da Igreja, já que a Psicologia é perigosa e danosa à fé cristã. Desse modo, qualquer proposta, de qualquer tipo, que venha a misturar Cristianismo e Psicologia deve ser rejeitada. Entwistle apresenta os nomes de Jay Adams, John MacArthur e John Street como os principais representantes desse paradigma.[54]

7.3 Colonialistas

As principais características desse paradigma são tanto a seletividade que filtra as conclusões da Psicologia por compará-las com versos bíblicos, quanto por alinhar as descobertas psicológicas a uma cosmovisão cristã.[55] Os colonialistas interagem com os dados oriundos da Psicologia sem qualquer compromisso com a disciplina ou seus métodos, por entender que há uma necessária preeminência do Cristianismo sobre a Psicologia.[56] Para Entwistle, nomes como os de David Powlison e Edward Welch são contados como representantes desse paradigma.[57]

7.4 Reconstrutores

Para Entwistle, aqueles que são classificados sob este paradigma consideram a Psicologia a partir de uma definição mais ampla que lhes permite encontrar nela tradições filosóficas e religiosas.[58] É considerado um paradigma que reconhece ativamente que o campo da Psicologia vem sendo moldado, em alguma medida, por uma agenda subjacente cujos princípios são tanto anti-espirituais quanto anti-Deus. A ideia por trás desse paradigma é, a partir de uma cosmovisão baseada nas Escrituras, reconstruir inteiramente a Psicologia como ciência, de modo que, como consequência, ela reproduza em suas técnicas, métodos e teoria o caráter cristão, na medida em que for dispensada

---

52 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 5215.

53 Ibid., p. loc. 5026-5027.

54 Ibid., p. loc. 5010-5754.

55 Ibid., p. loc. 5970-5973.

56 Ibid., p. loc. 5965.

57 Ibid., p. loc. 5252, nota de rodapé 45.

58 Ibid., p. loc. 6030.

ajuda psicológica.[59] Os principais representantes deste paradigma seriam nomes como o de Robert Roberts, C. Stephen Evans e Eric Johnson.[60]

7.5 Partido Neutro

Aqueles que aderem a esse paradigma reivindicam uma distinção total entre Cristianismo e Psicologia, como sendo ciências com metodologias e conteúdos distintos entre si.[61] Os aderentes não vêm qualquer conflito entre Cristianismo e Psicologia porque acreditam que cada disciplina pertença a esferas do conhecimento independentes e não-interativas. Como ocorre com as demais, há para este paradigma, duas versões: a neutralidade psicológica e a neutralidade cristã. E há duas formas pelas quais colocá-las em prática: o isolacionismo disciplinar, no qual a pessoa compartimentaliza seus compromissos de fé, e a correlação disciplinar, segundo a qual alguém procura identificar as áreas de sobreposição.[62] Nomes como os de Gordon Willard Allport,[63] Thomas Moore,[64] Malcolm Jeeves,[65] Fraser Watts e David Myers[66] são contados como exemplos do paradigma do Partido Neutro, conforme Entwistle.[67]

7.6 Aliados

Este seria o paradigma que, conforme Entwistle, está subjacente aos modelos integracionistas.[68] Esse paradigma compartilha muitas características

---

59 Ibid., p. loc. 6072.

60 Ibid., p. loc. 6015, 6027. Dos três, apenas Evans e Johnson contam com publicações no Brasil: EVANS, C Stephen. *História da filosofia ocidental*. São Paulo: Cultura Cristã, 2024; EVANS, Stephen C. *Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião*. São Paulo: Vida Nova, 2004; JOHNSON, Eric L. Cristo, o Senhor da Psicologia. *Diálogo & antítese: textos fundamentais em religião e ciências humanas*, p. 2–17, 2018; JOHNSON, Eric L. *Fundamentos para o cuidado da alma: uma proposta de psicologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2021; JOHNSON, Eric L. *Aconselhamento cristão: os recursos terapêuticos da fé cristã para o cuidado da alma*. São Paulo: Vida Nova, 2021.

61 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 6108-6119.

62 Ibid., p. loc. 6119, 6131-6371.

63 ALLPORT, Gordon W. *Personalidade: padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Herder & EDUSP, 1969.

64 Inter alia: MOORE, Thomas. *Cuide de sua alma*. São Paulo: Siciliano, 1993; MOORE, Thomas. *Terapia para a Alma: A arte e a habilidade das conversas afetuosas*. Rio de Janeiro: Alaúde Editorial, 2025; MOORE, Thomas. *A eloquência do silêncio: encontrando sabedoria no vazio*. Rio de Janeiro: Alaúde Editorial, 2024.

65 JEEVES, Malcolm. *Mentes, cérebros, almas e deuses: uma conversa sobre fé, psicologia e neurociência*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2016.

66 MYERS, David G. *Introdução à psicologia geral*. Lisboa: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1999; MYERS, David G.; DEWALL, C. Nathan. *Psicologia*. 13a. ed. Lisboa: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 2023.

67 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 6143, 6168, 6280.

68 Ibid., p. loc. 6639-7166.

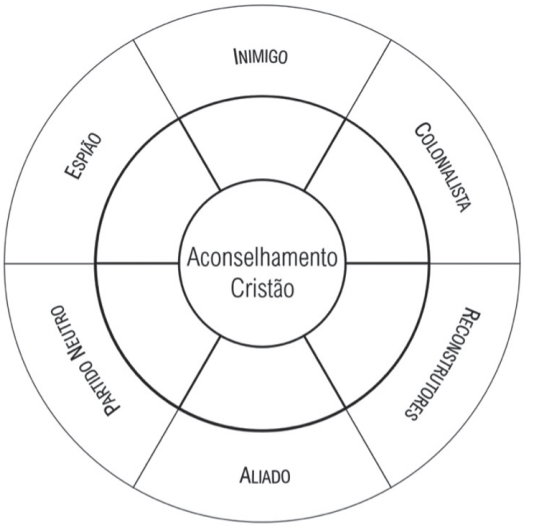
comuns com os Colonialistas, Reconstrutores e do Partido Neutro, incluindo uma visão mais positiva em relação à Psicologia como uma ferramenta útil para entender o comportamento humano. Aqueles que sustentam esse paradigma veem a Psicologia e qualquer outra disciplina acadêmica como elementos do domínio soberano de Deus, tendo em si aspectos de seu Autor. Por causa disso, os Aliados procuram por paralelos entre as diversas disciplinas, abraçando a missão de fazer com que essas informações cooperem e trabalhem juntas para um fim piedoso.[69] Os nomes de Siang-Yang Tan, Hendrika Vande Kemp, Van Leeuwen, Steven Bouma-Prediger e John H. Coe são exemplos desse paradigma.[70]

8. ALOCANDO AS PERSPECTIVAS EM SEUS RESPECTIVOS PARADIGMAS

Usaremos os seis paradigmas propostos por Entwistle para *encaixar* as principais perspectivas anteriormente apresentadas, como segue.[71]

8.1 Aconselhamento Bíblico

Na avaliação de Entwistle, apesar das mudanças que essa perspectiva tem experimentado ao longo dos anos,[72] a perspectiva do Aconselhamento Bíblica ainda pode ser classifica como construída sobre o paradigma dos *Inimigos*. Mesmo hoje, eles ainda adotam um modelo antagonista, que coloca a Psicologia de um lado e o Cristianismo do outro. A principal característica do paradigma dos Inimigos[73] é abraçada pelo Aconselhamento Bíblico, qual seja, a de expressar certa suspeita em relação a fontes de conhecimento extrabíblicas no que tange ao cuidado da alma.



69 Ibid., p. loc. 6723.

70 Até onde foi possível mapear, nenhum dos autores mencionados por Entwistle tem livros publicados em português.

71 In: MACEDO, Aconselhamento cristão em perspectiva: uma apresentação dos cinco principais pontos de vista.

72 Ver LAMBERT, Heath. *The Biblical Counseling Movement after Adams*. Wheaton, IL: Crossway, 2011, p. 24.

73 Cf. ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 4441.

Aqui é importante observar que o Aconselhamento Bíblico dificilmente pode ser acusado de se retrair da inquirição acadêmica séria, que é uma das características do paradigma dos Inimigos.[74] O que se pontua aqui é que essa perspectiva abraça crenças e práticas tais que terminam por ver a Psicologia como fundamentalmente oposta à doutrina cristã, vê o uso da psicoterapia como irremediavelmente incompatível com a fé cristã, e opta pela rejeição prática de qualquer coisa que venha do "campo do inimigo" por percebê-las como uma ameaça.[75] Isto é assim porque da perspectiva do Aconselhamento Bíblico a fé cristã é vista como uma espécie de Psicologia e o ministério cristão uma espécie de psicoterapia comprometida com uma perspectiva teocêntrica de toda a vida e pensamento.[76]

8.2 Integracionismo

Para Entwistle, a perspectiva do Integracionismo é melhor definida sobre o paradigma do Colonialista, por apresentar uma "aceitação, rejeição ou modificação seletiva das descobertas vinda da Psicologia, baseadas a priori em seus pressupostos religiosos".[77] Conquanto se possa argumentar que algumas das características não sejam prontamente identificadas quando o Integracionismo é observado de perto, o *telos* principal do paradigma dos Colonialistas é a apropriação quer dos métodos, quer das descobertas psicológicas, algumas vezes sem qualquer avaliação adequada, o que se encaixa na perspectiva integracionista.[78] A linguagem apreciativa frequentemente empregada dentro de círculos Integracionistas indica uma aproximação sem qualquer postura de inimizade, o que contribui para essa conclusão.[79]

---

74 Ibid.; ver também: LOTTER, G. A. The "Reformation" of Counselling: research article. *In die skriflig*, v. 35, n. 2: 317–329, 2001, p. 325; CAMPBELL-LANE; LOTTER, Biblical Counselling Regarding Inner Change, p. 104.

75 Cf. MCMINN et al., Just what is Christian counseling anyway?, p. 392; ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 4435-4481; LAMBERT, *A theology of Biblical counseling*, p. 43, 54.

76 BOOKMAN, Douglas. The Godward Focus of Biblical Counseling. In: MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. (Orgs.). *Counseling: how to counsel biblically*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005, p. 51; POWLISON, David. A biblical counseling view. In: JOHNSON, Eric L (Org.). *Psychology & Christianity: five views*. 2nd. ed. Downers Grove, IL: IVP Academic [Kindle ed.] Disponível em: http://www.amazon.com, 2010, p. 245.

77 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 4599.

78 Ibid., p. loc. 4576-4618.

79 BARNETT, Keri L. et al. Revisiting the issue of influential sources in the integration of psychology and theology: are we there yet? *Journal of Psychology and Theology*, v. 40, n. 2: 93–101, 2012, p. 93.

8.3 Níveis-de-explicação

Nesta perspectiva acredita-se que o conhecimento científico obtido pela Psicologia poderá, como frequentemente acontece, desafiar certos pressupostos teológicos, o que contribuirá para "manter vivo o espírito reformado 'sempre se reformando'". Entretanto, toda contradição é sempre aparente, uma vez que as explicações em um nível não necessariamente contradizem as explicações nos outros níveis.

Esse raciocínio é característico do paradigma do Partido-Neutro, que defende o emprego de procedimentos que servem para segregar partes ou áreas de domínio de uma disciplina da outra, por que objetivo do Partido-Neutro é acumular conhecimento e proteger a esfera de soberania de cada disciplina.[80] Um exemplo desse paradigma pode ser encontrado em Thomas Plante, que, ao apresentar a visão dos Níveis-de-explicação, menciona basicamente o DSM-IV, testes psicológicos e investigação empírica como algo totalmente separado de qualquer influência teológica.[81]

8.4 Psicologia Cristã

De acordo com Entwistle, a perspectiva da Psicologia Cristã pode ser classificada como a implicação prática do paradigma Reconstrutor.[82] Infelizmente Entwistle não foi consistente na atribuição dos paradigmas às perspectivas. Aqui ele reconhece na Psicologia Cristã elementos dos paradigmas Colonialista, Reconstrutor e até do Aliado.[83] Mas as características reconstrucionistas que essa perspectiva carrega, como a proposta de um "tipo específico de psicologia" feita de dentro pra fora, a partir de uma crença cristã explicitamente articulada, somada ao entendimento de que a Psicologia moderna tenha negligenciado suas próprias raízes filosóficas e também a preocupação em relação ao cuidado da alma como um objetivo primário, foram os motivos que conduziam Entwistle à conclusão de que, apesar de tudo, este ainda era o paradigma mais apropriado para a Psicologia Cristã.[84]

8.5 Psicologia Transformacional

Dadas as semelhanças que as perspectivas da Psicologia Cristã e do Integracionismo[85] compartilham com a Psicologia Transformacional, é difícil

---

80 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 4678, 4878.

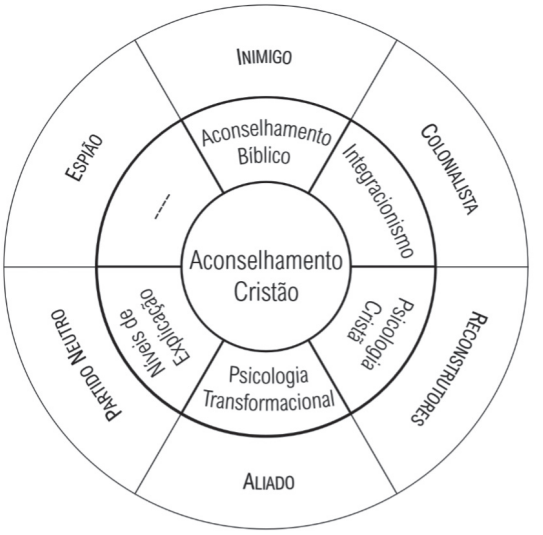
81 PLANTE, Thomas G. A levels-of-explanation approach: using a biopsychosocialspiritual and evidence-based model. In: GREGGO, Stephen P. et al. (Orgs.). *Counseling and Christianity: five approaches*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2012, p. loc. 671-972.

82 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 6021.

83 Ibid., p. loc. 4597, 4661, 6095.

84 Ibid., p. loc. 4623-4665.

85 COE; HALL, *Psychology in the Spirit: contours of a transformational psychology*, p. 93.



encontrar um paradigma que confortavelmente subsidie esta perspectiva. Contudo, a defesa enfática de uma abordagem metodológica que não veja o Cristianismo e a Psicologia nem como domínios separados, nem como estudadas por duas metodologias diferentes que precisem ser integradas por uma estrutura que as abarque, antes, sustentando a proposta de uma abordagem complexa e coerente sob uma teoria unificada, capaz de relacionar Psicologia e Cristianismo como um único ato de amor a Deus,[86] leva à conclusão de que a Psicologia Transformacional é melhor classificada sob o paradigma do Aliado.

Conforme Entwistle, os Aliados propõem pesquisar a unidade subjacente da verdade para fins piedosos. Para aqueles que sustentam esse paradigma, a Psicologia e o Cristianismo seriam vistos como *aliados* se ambos fossem corretamente compreendidos. Essa abordagem reconhece as limitações do entendimento humano em ambas as disciplinas e, por isso, propõe uma busca pela natureza holística e una do assunto que estiver sob escrutínio. Outra ênfase importante a destacar nesse paradigma é a relação apropriada com Deus, o canal através do qual a cosmovisão cristã pode abraçar o todo da vida, incluindo a Psicologia como ciência.[87] Por essa razão, o paradigma do Aliado é o que mais satisfatoriamente traduz os alvos da Psicologia Transformacional.

9. UM HIATO NÃO TOTALMENTE COBERTO

De uma certa forma, todas as propostas de paradigmas procuram descrever o mesmo cenário, mas de diferentes pontos de partida. Sem menosprezar as características profundas e complexas de cada perspectiva, quando alinhadas aos seus paradigmas filosóficos subjacentes, observamos que, apesar de variados, todos parecem obedecer aos mesmos eixos temáticos conforme adiantamos. Isto é, os paradigmas apresentados ao longo deste artigo funcionam metaforicamente como o ponteiro apontando para o Norte na bússola, guiando os principais pontos da relação entre Psicologia e Cristianismo. Mantendo a metáfora, as visões, por sua vez, exemplificam como o caminho é trilhado no mapa a partir do norte apresentado pelo paradigma correspondente.

86 Ibid., p. 94–97.

87 ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 4713-4752.

Se o objetivo proposto pelo paradigma que cada visão representa na prática é ou não é alcançado vai além do escopo deste artigo perscrutar, mas perfaz um convite à futuras pesquisas no tema. O que deve ficar claro, porém, é que ainda há nesse mapa áreas não cobertas pelas cinco perspectivas. Em outras palavras, há certa confusão sobre as reivindicações básicas das perspectivas no que concerne a se apresentarem como representantes da fé cristã histórica, e, mais especificamente, da teologia reformada.[88] Um exemplo disso pode ser visto na maneira como diferentes perspectivas se apropriam da figura de Agostinho de Hipona.

Quando se pensa em um fundamento filosófico apropriada à fé cristã reformada para subsidiar a interação do Cristianismo com a Psicologia, o reconhecido filósofo se torna a pedra de toque, pois conflitantes perspectivas o reivindicam como o precursor de suas posições. O Aconselhamento Bíblico, por exemplo, encontra em Agostinho o seu primeiro pensador, cujo trabalho ilustra "uma história de dois milênios de aconselhamento pastoral solidamente fundamentado nas Escrituras".[89] Por sua vez, a perspectiva Integracionista afirma ser a representação atual do aconselhamento pastoral do passado, encontrando em Agostinho (e em Tomás de Aquino) um representante antigo dessa "integração" que defende.[90] Já da perspectiva da Psicologia Cristã, Agostinho (juntamente com Tomás de Aquino e Kierkegaard) deve ser considerado um dos grandes psicólogos cristãos do passado conforme os termos de sua perspectiva.[91] Esses exemplos demonstram, ainda que superficialmente, que há indefinições em áreas importantes, de modo a confundir aquele que desejar compreender que fundamentos filosóficos subsidiam, de fato, uma determinada perspectiva e suas abordagens.[92]

---

88 POWLISON, David. O Aconselhamento bíblico no século 20. In: MACARTHUR, John; MACK, Wayne A. (Orgs.). *Introdução ao aconselhamento bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 70–77; COE, John H.; HALL, Todd W. A Transformational Psychology view. In: JOHNSON, Eric L (Org.). *Psychology & Christianity: five views*. Downers Grove, IL: IVP Academic [Kindle ed.]. Disponível em: http://www.amazon.com, 2010, p. 211; COE; HALL, *Psychology in the Spirit: contours of a transformational psychology*, p. 60; DENTON, Exploring biblical reformational theology as a normative perspective for Christian psychology, p. 2.

89 ALMY, *How Christian is Christian Counseling*, p. 137, 138–141.

90 JONES, Stanton L. An integration view. In: JOHNSON, Eric L (Org.). *Psychology & Christianity: five views*. 2nd. ed. Downers Grove, IL: IVP Academic [Kindle ed.]. Disponível em: http://www.amazon.com, 2010, p. 12.

91 ROBERTS, Robert C; WATSON, P.J. A Christian psychology view. In: JOHNSON, Eric L (Org.). *Psychology & Christianity: five views*. Downers Grove, IL: IVP Academic [Kindle ed.], 2010, p. 155; JOHNSON, Eric L. Reformational counseling: a middle way. *Reformation & Revival*, v. 13, n. 2, p. 11–39, 2004, p. 19; EVANS, Stephen C. Doing psychology as a Christian: a plea for wholeness. *Journal of Psychology and Theology*, v. 40, n. 1: 32–36, 2012, p. 33.

92 A perspectiva do Nível de Explicação, muito embora não cite Agostinho diretamente, subsidiada pelo paradigma do Partido Neutro se diz contra qualquer abordagem absolutista vinda de qualquer

Embora a análise dessas reivindicações possa fornecer linhas de pesquisa interessantes, há questões que exigem esclarecimento mais urgente. No passado, outros também apontaram algumas áreas que apresentam lacunas nesse esforço por uma interação segura.[93] A menos que essas áreas recebam a devida atenção, é temeroso afirmar que se tenha chegado a bom termo no assunto. De fato, uma avaliação meticulosa revelará que ainda se faz necessário escrutinar com clareza o papel e uso das Escrituras no processo interativo. Além disso, uma revisão da antropologia de cada perspectiva pode revelar dificuldades intransponíveis na paridade de suas concepções com aquilo que é revelado na Palavra de Deus. Isso sem falar no papel que a cosmovisão desempenha em cada uma delas. Porém, dentre todos esses aspectos, destaca-se aqui a importância do desenvolvimento de uma *metapsicologia*.

É importante destacar que esse termo foi introduzido pela primeira vez por Sigmund Freud como uma resposta à metafísica, mas ele tem sido rejeitado pela posteridade, dentro e fora da comunidade psicanalítica.[94] O uso do termo, porém, justifica-se pelo fato de que alguns autores, como Meltzer, enxergaram na *metapsicologia* uma psicologia teoricamente explícita.[95] Do grego "*meta*" que significa "além, transcendente", a metapsicologia buscaria entender a estrutura da mente em termos do que não pode ser empiricamente verificável. Isto, devidamente considerado, parece admitir um elemento transcendente, o que é um furo na cosmovisão naturalista assumida pela Psicanálise. Entretanto, é, ao mesmo tempo, para uma perspectiva em Aconselhamento Cristão que espose a cosmovisão cristã reformada, um fator importante nesse mister, pois considera elementos de caráter transcendente presentes na alma humana.

Isto se reveste de especial importância quando lembramos que em 2006 Gomes apontou o potencial dessa possibilidade a partir do trabalho de Van Til. O projeto de Van Til, muito embora não visasse um desenvolvimento detalhado ou amplo de uma crítica filosófica de qualquer escola psicológica, nem um desenvolvimento da dinâmica da psique, envidou esforços promissores, ainda que essencialmente embrionários e rudimentares, como reconhece Gomes,[96]

---

disciplina que possa prejudicar o princípio básico de "sempre reformando" da tradição da teologia reformada. In*:* ENTWISTLE, *Integrative Approaches to Psychology and Christianity*, p. loc. 6305.

93 POWLISON, David. Critiquing modern integrationists. *The Journal of Biblical Counseling*, v. 11, n. 3, p. 24–34, 1993, p. 25–30; MONROE, Philip G. Building bridges with biblical counselors. *Journal of Psychology & Theology*, v. 25, n. 1, p. 28–37, 1997, p. 33–35; JONES, An integration view, p. 40; ECK, Integrating the integrators: an organizing framework for a multifaceted process of integration, p. 230–231.

94 BOOTHBY, Richard. *Freud as Philosopher: metapsychology after Lacan*. [S.l.]: Psychology Press, 2001, p. loc. 166.

95 MELTZER, Donald. *Studies in Extended Metapsychology: clinical applications of Bion's ideas*. London, UK: Karnac Books, 2009, p. 105.

96 GOMES, Davi Charles. A metapsicologia vantiliana: uma incursão preliminar. *Fides Reformata*, v. 11, n. 1: 113–139, 2006, p. 117.

cujo artigo é um cativante convite não só ao uso do termo *metapsicologia*, mas, principalmente, para preenchimento bíblico benéfico e proveitoso de seu significado. A razão para isso pode ser lida nas palavras de Van Til, que resumiu:

> Um ministro do evangelho de Cristo, se ele deseja realmente se beneficiar do estudo da psicologia, deveria estudar psicologia de um ponto de vista cristão. Ele deveria estudar uma psicologia que livremente reconheça seu relacionamento com e um senso de dependência da ética cristã e da teologia cristã em geral. Há dois pontos principais dos quais ele irá divergir radicalmente da escola de psicologia da religião moderna... Em primeiro lugar nós como cristãos não podemos admitir o pressuposto da independência metafísica da autoconsciência do homem em geral e da consciência religiosa em particular que subjaz toda a moderna psicologia da religião. Se somos cristãos de fato, cremos na doutrina da criação e isto nos faz crer que fomos feitos dependentes de Deus metafisicamente. Em segundo lugar, não podemos, como cristãos, permitir o pressuposto da independência ética da autoconsciência do homem em geral e de sua consciência religiosa em particular. Se somos cristãos de fato, cremos na doutrina do pecado, e isto torna o homem eticamente alienado de Deus e, ainda assim, dependente de Deus.[97]

CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi apresentar os fundamentos filosóficos subjacentes às perspectivas de interação com a Psicologia na área do Aconselhamento Cristão. Como uma continuidade do artigo que apresentou as cinco principais propostas dessa interação, o que se buscou aqui foi responder que motivos fazem com que o que está acontecendo aconteça da forma que ocorre. Para isso foi feito um exercício de sabedoria judiciosa, com o intuito de verificar sobre quais fundamentos cada perspectiva constrói seu edifício teórico e abordagem prática.

Para se atingir o objetivo proposto foi apresentado um resumo dos paradigmas mais representativos, numa tentativa de determinar a maneira que melhor descreve o relacionamento, muitas vezes conflituoso, do Cristianismo, Teologia ou Aconselhamento Cristão com a Psicologia. As propostas de John Carter, Yvonne Campbell-Lane e George Lotter, Stanton Jones, Brian Eck e David Entwistle foram apresentadas, com predileção dada a esta última. Três foram as razões para isso: a metáfora utilizada por Entwistle foi usada na Bíblia; outros autores, inclusive aqueles dentre as perspectivas analisadas, já tinham se valido da mesma metáfora, e o fato de a metáfora permitir a ideia de autoridade jurisdicional contribuiu para sua ampla aceitação.

No fim foi proposto que, apesar de todos os esforços nessa busca de um paradigma seguro para a interação, ainda existem áreas que precisam de

---

97 VAN TIL, Cornelius. *Psychology of Religion*. Phillipsburg, NJ: P&R, 1971, p. 3.

maior escrutínio, especialmente a antropologia bíblica, a definição do papel da Escritura, o fator preponderante da cosmovisão e a consideração de uma possível *metapsicologia*. Esse hiato apontado talvez se deva ao fato de que a maioria das propostas busca, de pronto, integrar a Psicologia com o Aconselhamento Cristão. O que falta, muitas vezes, é uma avaliação prévia que indique se tal coisa é, por exemplo, desejável. Conquanto seja inegável a necessidade de interação, as bases sobres as quais essa interação é feita já apontam para um projeto que, na maioria das vezes, não foi avaliado. Uma avaliação dessa monta exigiria um exercício de discernimento profético capaz de responder o que *deveria* estar acontecendo, e isso vai muito além do que foi proposto aqui. Contudo, um empreendimento que tal se torna possível dada a pesquisa feita até então. Seja Deus servido levantar pesquisadores interessados no tema ao ponto de empreender essa tão necessária tarefa.

ABSTRACT

This article seeks to elucidate the primary philosophical paradigms underlying the perspectives on Christian Counseling, which were previously discussed in an article published in 2019. The present article aims to clarify what efforts have been made to explore the theoretical foundations upon which each of the five main perspectives relates to Psychology. To this end, the proposals of Carter, Campbell-Lane and Lotter, Jones, Eck, and Entwistle are presented herein. The purpose of this article is not only to clarify these proposals but also to highlight the existence of a "gap" in research that warrants further investigation, aiming to encourage the development of paradigms that more accurately reflect the principles of the Reformed Christian faith in Christian Counseling.

KEYWORDS

Paradigms; Philosophical foundations; Christian counseling; Christianity and psychology.